



JACIRA FERNANDO CANA IÉ

COMÉRCIO INFORMAL E GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU

**ACARAPE
2025**

JACIRA FERNANDO CANA IÉ

COMÉRCIO INFORMAL E GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC),
apresentado ao Instituto de Humanidades, da
Universidade de Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Peti Mama Gomes

JACIRA FERNANDO CANA IÉ

COMÉRCIO INFORMAL E GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC),
apresentado ao Instituto de Humanidades, da
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 28/05/2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a Peti Mama Gomes (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Cristina Mandau Ocuni Cá

Prof^a. Dr^a. Daniele Ellery Mourão

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida mãe, Francisca Ocante Ocundo Cá, pelo amor incondicional e pela força que sempre me transmitiu, e a todas mulheres envolvidas no comércio *informal* e à memória do meu amado e eterno pai, Fernando Cana Ié, cujo exemplo de luta e perseverança será para sempre minha inspiração.

Até um dia!

AGRADECIMENTO

Qualquer trabalho acadêmico é fruto de apoios diversos — sejam eles morais, financeiros, intelectuais ou de experiências compartilhadas.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus Todo-Poderoso e aos meus ancestrais por terem me sustentado nos momentos mais difíceis durante esses anos em que estive longe da minha família. Sem sua força e proteção, esta conquista não teria sido possível. Aos meus familiares, minha eterna gratidão. Obrigado pelo apoio incondicional, pela força, pela motivação e por sempre acreditarem em mim.

Agradeço de coração aos meus pais, Fernando Cana Ié e Francisca Ocante Ocundo Cá, que mesmo sem terem tido a oportunidade de frequentar o ensino superior, tiveram a visão de que a educação seria o caminho para uma vida melhor. Eles sempre nos incentivaram a estudar e a buscar nossa formação, principalmente o meu pai, mesmo diante de enormes dificuldades.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a. Peti Mama Gomes, minha eterna gratidão. Muito obrigada por ter aceitado me orientar, por sua paciência, apoio constante e pelas valiosas contribuições na construção deste trabalho. Sua dedicação e incentivo foram fundamentais em cada etapa da minha formação acadêmica. Aprendi com você não apenas o rigor da pesquisa científica, mas também a importância da humildade e da empatia na formação de um verdadeiro profissional.

Aos professores do Instituto de Humanidades da UNILAB, em especial aos docentes do BHU, que despertaram em mim uma visão crítica e reflexiva, e a todos os servidores da universidade, profissionais da limpeza, motoristas, técnicos administrativos, funcionários do RU, o meu sincero agradecimento.

Agradeço aos meus tios: Antoninho Ocante Ocundo Cá, Ildo Ocante Ocundo Cá, Branzinho Cá, em especial Claudino Dimas Cá, que para mim é tio e irmão ao mesmo tempo. Você sempre acreditou em mim, apoiando-me nos estudos na Guiné e sendo peça fundamental para a minha vinda ao Brasil, inclusive realizando minha inscrição no processo seletivo da UNILAB sem que eu soubesse. Suas palavras de incentivo e sua confiança foram fundamentais. Serei eternamente grata.

Meu agradecimento especial a Vaz Pinto Té e Bisswidna N'quinde Nandiba e, Quinito

Domingos da Silva, meu muito obrigado pelo seu apoio, e Tiago M'boto, a quem considero um amigo-irmão que a UNILAB me presenteou, expressei minha profunda gratidão. Suas orientações e seu apoio constante, desde a minha chegada à universidade — mesmo à distância —, foram fundamentais para a minha trajetória. As palavras não serão suficientes para descrever a minha gratidão a você.

Às minhas irmãs: Bane Fernando Cana Ié, Mirinda Fernando Cana Ié, meu carinho, respeito e admiração. Vocês são exemplos no caminho acadêmico e pessoal. Obrigada por todas as motivações e forças transmitidas. Aos meus primos e primas: David Ié, Ariela Ocundo Cá, Luizela Preto Sá e Franklin Cá.

Às minhas tias: Maria Ocante Ocundo Cá, Rosa Té e Emília Gomes, meu muito obrigado. Aos meus avós: Quibodjolo Cá, Deto Cá e Quinta Sá, todo meu respeito e reconhecimento.

Sou também muito grata pelas amizades construídas nos arredores de Palmares, Auroras e Liberdade, que tornaram o Brasil o meu segundo país, e Acarape, meu segundo bairro e lar. À comunidade acarapense, à comunidade Católica Africana e à Paróquia São João Batista de Acarape, minha sincera gratidão por me acolherem com tanto carinho e respeito.

Aos meus padrinhos, António Pedro Martins e Virginia Mancabo, obrigada pelo carinho, pela confiança e pelo incentivo constante. À minha acolhedora Leonesa Silva, pela convivência e momentos compartilhados; à Eliza António Có e à minha sobrinha Aura da Silva Sá, Sandra Tricia Baticam pela parceria e apoio no dia a dia. Aos meus cunhados, Filinto Bonte e Solange Cunhi Indi, pelo apoio, carinho e presença ao longo da minha caminhada.

Um agradecimento especial e indispensável ao meu eterno amor, Alanso Mendes, a quem estive sempre ao meu lado, seja nos momentos difíceis, e nunca deixou de acreditar em mim. Mesmo à distância, sua presença se fez sentir nos gestos, nas palavras e no incentivo diário. Você foi um pilar importante nesta caminhada, e sua força silenciosa me deu ânimo para continuar mesmo nos dias mais desafiadores. Sou profundamente grata por ter você ao meu lado.

Agradeço ao Estado guineense e ao Estado brasileiro pela parceria e pela oportunidade de intercâmbio educacional que me permitiu viver essa experiência única e transformadora.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho — amigos,

amigas, conhecidos e, especialmente, minhas colegas —, mesmo não sendo possível mencionar o nome de cada um, deixo aqui o meu mais sincero e eterno agradecimento.

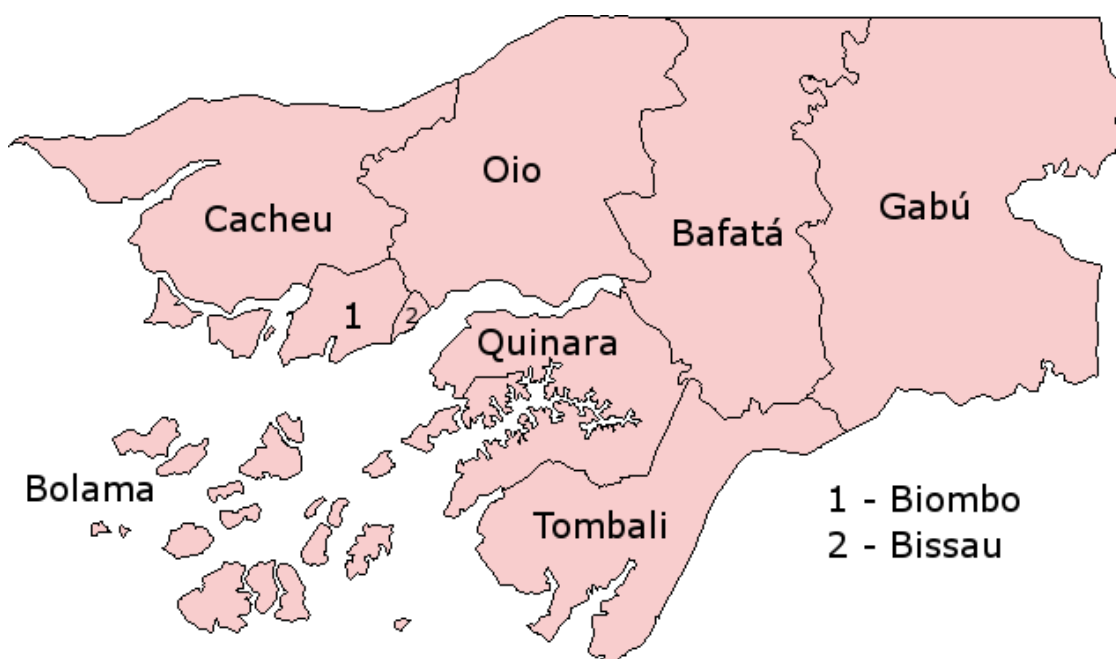
Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	10
2.1 Objetivo geral	10
2.2 Objetivos específicos	10
3. QUESTÕES.....	11
3.1 Questão geral	11
3.2 Questões específicos	11
4. PROBLEMATIZAÇÃO	12
5. HIPÓTESES DE PESQUISA.....	17
5.1 Hipótese Básica:.....	17
5.2 Hipóteses Secundárias:.....	17
6. JUSTIFICATIVA	18
7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
7.1 Mindjeris Bideras: Transformação Social no Comércio Informal	20
7.2 Mindjeris Bideras em Tempos de Pandemia: Entre Lutas e Resistências em Bissau	25
7. 3 O Perfil da Participação Feminina no Comércio Informal	29
7. 4 Prática de Abota como Crédito de <i>Mindjeris Bideras</i>	32
8. METODOLOGIA	35
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau está localizada na costa ocidental da África, com uma área de 36.125 km² é banhado pelo oceano Atlântico. Faz fronteira com dois países, ao norte com a República do Senegal e ao sul com a República da Guiné (Gomes, 2016). O país é composto por cerca de 80 ilhas, que formam os arquipélagos dos Bijagós, além de territórios continentais distribuídos por oito regiões: Bolama, Biombo, Bafatá, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali, além do setor autônomo de Bissau, a capital. Após onze anos de luta pela independência, a Guiné-Bissau conquistou sua autonomia em 24 de setembro de 1973 (Idem, 2016).

Figura 1: Mapa da divisão administrativa de Guiné-Bissau.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guin%C3%A9-Bissau>. (2025).

Apesar de sua diversidade, o país enfrenta uma série de desafios, principalmente em decorrência da fragilidade do sistema educacional, da escassez de políticas públicas eficazes e da falta de oportunidades de emprego formal. Entre as diversas dificuldades, a população feminina se destaca como a mais vulnerável, de acordo Gomes (2024). Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2023) e pesquisa da Maria Odete Semedo (2011), 51,3% das mulheres guineenses não possuem nível de instrução escolar, contra 36,8% dos homens. Essa disparidade reflete o impacto das desigualdades de gênero, uma vez que elas enfrentam dificuldades para acessar espaços de tomada de

decisão política, social e econômica, sendo, portanto, as mais afetadas pelo desemprego e pela exclusão de diversas esferas da sociedade.

Sob essa perspectiva, a marginalização e a opressão das mulheres em Guiné-Bissau são historicamente justificadas pela adoção de um sistema patriarcal que as coloca em uma posição de “inferioridade”, conforme Joacine Katar Moreira, em sua tese intitulada “*Matchundadi - Gênero, Performance e Violência Política na Guiné-Bissau*” (2017). Entretanto, o cenário atual evidencia o crescente reconhecimento do valor social, político e econômico das mulheres, o que tem impulsionado sua luta por emancipação, sobretudo no mercado de trabalho informal, ¹como as conhecidas “*feras*” ²de acordo Gomes (2024). Isto é, em Bissau - capital, esse movimento tem se traduzido na ocupação de espaços feminino, permitindo às mulheres se firmarem como a principal força econômica nas famílias, contribuindo de forma ativa para o crescimento da economia nacional, conforme apontado pela antropóloga Peti Mama Gomes (2024).

A antropóloga, ainda, descreve em sua pesquisa de doutorado que, na maior parte, as mulheres estão envolvidas no setor informal por meio de seus pequenos negócios e práticas de venda nos mercados do país. As “*bideras*”, como são comumente chamadas, desempenham um papel importantíssimo na economia doméstica, especialmente na educação dos filhos, alimentação e outras despesas familiares. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo compreender o ofício das mulheres *bideras* no comércio informal em Guiné-Bissau, investigando as dificuldades que elas enfrentam no exercício de suas atividades de venda nos mercados locais, na capital. Assim, a pergunta de partida deste estudo é: Quais são as dificuldades enfrentadas pelas mulheres *bideras* no comércio informal em Bissau?

¹ O sector informal é formado por atividades econômicas que não são regulamentadas pelo governo apesar de ter movimentado a economia do país.

² *Fera*, é um espaço de comércio informal, normalmente ocupadas pelas mulheres, aonde se vende diferentes produtos vindos de diferentes regiões que compõem o país.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Compreender o ofício de *mindjeris bideras* no comércio informal na Guiné-Bissau.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar as dificuldades enfrentadas pelas *bideras* nas *feras* públicas do país;
- Narrar as trajetórias das mulheres no comércio informal em Bissau;
- Entender o papel do Estado na melhoria da situação das mulheres no comércio informal no país.

3. QUESTÕES

3.1 Questão geral

Como se dá o ofício de *mindjeris bideras* no comércio informal na Bissau?

Que políticas públicas apoiam as atividades das *mindjeris bideras* no comércio informal? no país?

3.2 Questões específicos

- Quais são os principais desafios enfrentados pelas mulheres *bideras* que atuam no comércio informal em Bissau?
- Como se constituem as trajetórias de vida e trabalho das mulheres no comércio informal guineense?
- Qual tem sido o papel do Estado na promoção de políticas públicas voltadas à melhoria das condições de vida e de trabalho das mulheres no comércio informal no país?
- Como a sociedade guineense percebe e valoriza a atuação das mulheres no comércio informal em seu cotidiano?

4. PROBLEMATIZAÇÃO

A Guiné-Bissau é um país que tem enfrentado sérios problemas econômicos, o que resultou em uma situação de desemprego generalizado. Diante desse cenário, a economia do mercado informal tem se mostrado fundamental para o sustento de muitas famílias no país. Ou seja, a “falta de oportunidades” no mercado de trabalho formal tem levado muitas pessoas a enfrentarem dificuldades, com destaque para os homens, que tradicionalmente ocupam espaços de trabalho formais (Gomes, 2016). Contudo, atualmente, tanto homens quanto mulheres estão presentes no mercado informal. Embora os homens também participem desse setor, é importante destacar que as *feras* são amplamente movidas pela força de trabalho feminino.

Muitas delas se dedicam à venda de produtos nacionais, importados ou exportados de países vizinhos, tornando-se protagonistas dessa economia informal segundo a pesquisa de Gomes (2024). Como resultado, as mulheres passaram a ocupar um papel central no sustento econômico familiar, por meio de atividades informais, como o comércio de produtos nas *feras* e outros mercados. Esse comércio, conhecido como informal, se tornou a principal fonte de renda para muitas famílias guineenses, cobrindo desde as despesas escolares dos filhos até as necessidades mais básicas do cotidiano.

Em outras palavras, a antropóloga afirma que:

[...] as mulheres no espaço social na Guiné-Bissau representam o maior número (55%) entre os trabalhadores e são responsáveis pelo sustento de muitas pessoas e de muitas famílias, suas contribuições e protagonismos econômicos remetem a um papel importante na economia local e nacional e, consequentemente, nos processos de desenvolvimento do país. (Gomes, 2024, p.140).

A economia do mercado informal, portanto, tem se mostrado essencial para a sobrevivência das famílias guineenses, e as mulheres, ao desempenharem um papel ativo nesse setor, têm se tornado sustentadoras econômicas, ajudando a superar as dificuldades impostas pelo desemprego e pela falta de oportunidades no mercado formal. Assim, percebe-se que, dentro desse processo de compra e venda, as mulheres enfrentam diversas dificuldades, como a falta de transporte público, as más condições das estradas, a cobrança de taxas nas fronteiras para aqueles que compram seus produtos em países vizinhos (Gâmbia e Senegal), entre outros obstáculos. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é compreender os desafios não mencionados em outras pesquisas (Godinho Gomes 2010, Borges, 2000 e Gomes 2024) que essas mulheres, conhecidas como *bideras*, enfrentam no exercício de suas atividades de venda nas *feras* de Bissau-Capital. Por isso, partimos da seguinte pergunta norteadora: Que tipos de dificuldades cotidianas as mulheres “*bideras*” enfrentam em suas atividades no setor informal guineense?

No que diz respeito ao comércio informal, de acordo com as/os autoras/es estudadas, como Paulo Gomes Vaz (2018); Tatiana Raquel Reis (2013), et al, Peti Mama Gomes (2024); Patrícia Godinho Gomes (2010), Samira Tamba Dentche na Blata (2022), percebe-se que o comércio informal não é uma prática recente, ou seja, desde os tempos antigos, o comércio tem sido parte essencial da vida dos/as guineense. Embora no passado guineense o comércio fosse realizado por meio de trocas diretas de mercadorias, devido à ausência de dinheiro em espécie, cédulas ou moedas, ele já existia de alguma forma, sublinha Gomes (2024) sobre a realidade de “*fera di Bande*”. Assim, podemos afirmar que, de maneira geral, as mulheres e homens sempre estiveram envolvidos/as com o comércio.

Por exemplo, segundo Vaz (2018):

A questão sobre o trabalho e informalidade empreendido por africanos não é uma prática nova, pois remonta a um antigo e bem conhecido processo histórico característico de povos africanos, e das novas modalidades que este tipo de trabalho passou a adquirir, acrescentando sua maior notoriedade, devido à maior circulação de pessoas e bens nesta era muito mais globalizada do desenvolvimento atual do capitalismo (Vaz 2018, p.71).

Concernente a isso, nota-se que, com o passar do tempo, o comércio tem adquirido novas características, tanto em sua forma quanto em seu gênero. Ele passou a ser realizado de maneira mais “organizada”, também com o uso de dinheiro em cédulas ou moedas. No contexto da Guiné-Bissau, que é o foco da nossa pesquisa, constata-se uma presença mais significativa de mulheres no comércio informal do que homens. Partindo desse ponto, surge a questão de entender como são as trajetórias das mulheres no comércio informal na Guiné-Bissau entre os anos de (2000-2016). A escolha deste recorte temporal (2000-2016) se baseia nas questões políticas, visto que o país na altura, já se encontrava num sistema democrático, tendo saído das primeiras eleições democráticas, após guerra civil (7 de junho de 1998/1999), o abandono da moeda nacional, (o peso) para francos Franco CFA, como também as histórias que ouvi da minha mãe e de outras mulheres envolvidas no comércio informal. Elas relatavam que as vendas eram mais fáceis e os lucros eram maiores; havia menos burocracia em termos de transporte de produtos e altos preço de impostos de alfândega e câmara municipal de Bissau. Naquela época (entre 2000 e 2010), havia também uma menor participação de jovens no sector de comércio informal, isto é, não havia tanta concorrência na venda dos produtos.

Mas, com o passar dos anos, a situação se tornou mais difícil, com a má governança e aumento constante de custo de vida (Gomes, 2024). A alta taxa de desemprego, a escassez de centros de formação superior públicos e as frequentes greves no ensino médio público contribuíram para o aumento da participação da camada juvenil no mercado informal. Esse

contexto social e econômico ajuda a entender as transformações ocorridas nesse período. Segundo Reis et al. (2013, p.4), “o comércio desenvolvido em ruas, *feras* e mercados tem ganhado uma importância crescente nos países africanos”. Tanto em Cabo Verde quanto na Guiné-Bissau, as *rabidantes* (no caso, *bideras*) desempenham um papel indispensável na economia local, especialmente pela comercialização de produtos que atendem a grande parte das necessidades da população. Assim, outra questão importante que merece discussão dentro deste trabalho é a política do Estado em relação aos espaços que são essenciais para a movimentação da economia do país.

Ao longo do tempo, verifica-se que as *feras* são espaços onde esses comércios acontecem; portanto, o cuidado com esses espaços contribuiria para a melhoria da saúde pública da população. Contudo, na Guiné-Bissau, é possível notar a pouca participação do Estado, representado pela câmara municipal, no cuidado e manutenção dessas *feras*. Por outro lado, verifica-se que não há espaço suficiente para todos/as na *fera*. Dessa forma, é comum encontrar uma mãe de família com sua mercadoria à beira da estrada, pois não há barracas ou mesas disponíveis para todos exporem seus produtos. Cada uma precisa improvisar para fazer o seu negócio funcionar. Contudo, a cobrança por parte da câmara municipal nunca falta, como sublinha a pesquisa de Peti Mama Gomes (2024). Todos os dias, as vendedoras são cobradas um “imposto” de venda no valor de 150 Fcfa (moeda local). Igualmente, os donos dos terrenos também cobram taxas diárias, mas esse dinheiro nunca “retorna” para melhorar as condições do espaço onde a venda acontece. Diante disso, surge uma nova indagação que nos ajudará a entender melhor a situação: Qual é o papel do Estado para melhorar a situação das mulheres no comércio informal na Guiné-Bissau, principalmente na capital?

É importante ressaltar que delimitamos o nosso trabalho à capital, pois é o lugar onde nasci e cresci. Pude perceber que as dificuldades observadas na capital podem ser ainda mais intensas nas regiões mais distantes. Estudar a Guiné-Bissau como um todo seria um desafio enorme. Ademais, há mulheres que saem de outras regiões de Bissau para realizar suas vendas na capital, pois precisam de dinheiro para cobrir suas necessidades ou arcar com os estudos dos filhos e das suas filhas, ou, outras despesas familiares. O único lugar mais acessível para realizar negócios é na *fera di Bande*, localizada no centro de Bissau, na Av. dos Combatentes da Liberdade da Pátria, assim como em outras *feras* (Caracol, *Fera* da Praça, Bairro Militar, Quelele). A mais movimentada de todas é a de *Bande*, onde se encontram *bideras* de diferentes regiões e setores do país, vendendo os mais variados produtos.

Foto-1: *Fera di Bandim*



Fonte: Gomes, P.M. (2024).

Segundo Aguilar et al (2021)

É no comércio de produtos locais que as mulheres desempenham o papel central no comércio. Trinta e seis mulheres das 50 entrevistadas dedicam-se ao escoamento de produtos de produção local a partir das zonas de produção dos lumos. Quem vai à fonte e transporta mercadorias até Bissau são as bideiras grossistas, que depois as vendem a outras bideiras retalhistas, quer nas paragens de transportes públicos, quer no próprio mercado. (Aguilar, et al, 2021 p.49)

A respeito do que foi mencionado sobre a Guiné-Bissau, o comércio e as mulheres *bideras* nos parágrafos anteriores, vale ressaltar que, nas suas rotinas diárias em busca de produtos nacionais e internacionais para abastecer o mercado, elas enfrentam dificuldades relacionadas ao transporte, que as impede de se deslocar de forma eficiente. Ademais, há a carência de uma boa infraestrutura, como estradas em boas condições, que poderiam facilitar suas trajetórias para as diferentes regiões onde realizam compras atacadistas para revenda. Diante disso, surge uma outra pergunta: Como a falta de transporte, a falta de segurança e a ausência de uma boa infraestrutura dificultam o trabalho dessas mulheres?

Além dos locais que frequentam para suas compras, algumas mulheres fazem viagens mais longas para países vizinhos, como Senegal, Guiné-Conacri e Gâmbia, em busca de diferentes produtos e mercadorias para abastecer o mercado. Dentre os problemas apontados até aqui, não mencionamos outro aspecto muito importante que faz parte das dificuldades enfrentadas pelas mulheres *bideras*. Assim, é necessário destacar que, dentro da diversidade de produtos vendidos, algumas mulheres comercializam mais legumes, outras frutas e tubérculos, enquanto há também aquelas que vendem peixes. Por isso, é relevante refletir sobre como essas

mulheres conseguem conservar seus produtos, uma vez que é provável que não disponham de um espaço adequado para a conservação dos mesmos. Também, a falta de armazéns públicos para facilitar o armazenamento dos produtos restantes dificulta o processo de venda, especialmente para as mulheres que comercializam peixes. Portanto, acreditamos que essa questão merece ser discutida com maior densidade.

Foto – 2: Mercados improvisados de Bissau, vende-se quase tudo Foto: Braima Darame



Fonte: Dareme (2025).

5. HIPÓTESES DE PESQUISA

5.1 Hipótese Básica:

A desvalorização do comércio informal e a baixa participação do Estado na organização dos espaços comerciais dificultam a atividade comercial das mulheres.

5.2 Hipóteses Secundárias:

1. A baixa produção de alimentos no país impõe desafios às mulheres comerciantes, que enfrentam dificuldades na obtenção de produtos para abastecer o mercado interno.
2. A cobrança diária de impostos pela Câmara Municipal de Bissau nas *feras* não se reflete em melhorias das condições de trabalho das *bideras*, tornando o comércio informal ainda mais difícil para essas mulheres.

6. JUSTIFICATIVA

A pesquisa visa destacar a história das mulheres guineenses de Bissau que se dedicam ao ofício “*di bindi*” (*vender*). É do conhecimento de muitos(as) dos (as) meus conterrâneos que as *bideras* enfrentam dificuldades no seu dia a dia, trabalhando sob o sol e a chuva, para melhorar as condições de vida dos seus filhos e suas filhas. Sou filha de uma *bidera*. Portanto, um pouco da minha vivência faz parte das histórias de uma mulher que trabalha como *bidera*. Testemunhei como filha as dificuldades e os sofrimentos que ela enfrenta em seu cotidiano em busca da “*bianda*”, um termo usado em crioulo guineense para se referir à comida. Mulheres nessa situação de *bideras* às vezes vendem seus produtos com bebês carregados nas costas. Isso foi um dos aspectos que me chamava atenção.

Foto – 3: *fera di Canchungo*



Fonte: Gomes P.M. (2024).

Ou seja, nasci e cresci em um bairro³ na qual a maioria das mulheres sempre estão envolvidas no comércio informal, o caso de minha mãe. Conforme eu crescia, testemunhei as dificuldades que enfrentavam para garantir sua autonomia financeira e sobrevivência de sua família. Quando eu ainda era menor de idade, minha mãe costumava vender na *fera* de Caracol e, às vezes, me pedia para ficar na mesa cuidando dos produtos que ela vendia. Com o tempo, comecei a perceber o quão árduo era o trabalho. Igualmente, observava que elas tinham que pagar pela permissão de venda na *fera* todos os dias, independentemente se conseguiam vender os seus produtos ou não. Os momentos em que me refiro eram períodos nos quais eu não

³ Bande - zona 8, paragem de Biombo.

compreendia (muito bem) como as coisas funcionavam na *fera*. À medida que fui crescendo, percebi que as mesmas práticas de pagamento da taxa nas *feras* persistem. Também observei que os locais nos quais elas vendem seus produtos continuam em más condições. Em outras palavras, devido à falta de colaboração da câmara municipal, as *feras* não recebem sequer os serviços básicos de higiene nos locais onde comercializam os seus produtos.

Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar e problematizar a vida dessas mães *bideras* no comércio informal. A partir das experiências ao lado da minha mãe e de outras mulheres que se dedicam ao mesmo trabalho informal- “*di busca bida*”, percebi que os seus trabalhos não são valorizados. Pois, no que diz respeito aos processos de venda das mulheres, observei uma participação limitada do Estado na construção e organização dos espaços onde elas realizam seus negócios, as barracas ou mesas expostas. Assim como, notei que a intervenção da câmara municipal se restringe principalmente à cobrança das taxas de *fera*, quer dizer, compreendo que haja uma falta de colaboração por parte da câmara municipal. A cobrança de taxas sem o investimento na construção de espaços protegidos torna o trabalho das mulheres no comércio informal extremamente difícil.

Fiquei ciente de que, para melhorar os locais de venda, elas precisavam se esforçar para mantê-los limpos. Foi a partir desse momento que comecei a me questionar: por que elas pagam a taxa da *fera* e qual é o propósito disso? Consequentemente, a situação de vida das mulheres no comércio informal começou a me incomodar.

Quando cheguei à UNILAB deparei-me com diversos trabalhos acadêmicos como: N`zalé (2018), Gomes (2019), Martins (2018), Baticam; Teixeira (2020), Gomes, (2016), entre outros que abordaram várias temáticas relacionadas com a Guiné-Bissau, e isso me motivou a refletir sobre um assunto que me incomodava há muito tempo. Percebi que, pesquisar sobre as mulheres *bideras* vai contribuir, de certa forma, para referências no campo de estudo de gênero no país, na UNILAB e para futuros(as) pesquisadores(as) interessados na temática.

Portanto, acredito que este trabalho servirá como uma ferramenta de discussão nos espaços públicos, com o propósito de incentivar o Estado, em conjunto com a câmara municipal, a desenvolver políticas públicas que melhorem o funcionamento das *feras*. Essas políticas não devem se limitar à mera cobrança de taxas, mas devem contribuir efetivamente para o aprimoramento desses espaços, que desempenham um papel indispensável na economia feminina e, consequentemente, contribuem com uma parcela significativa na circulação da economia do país. De modo igual, as *feras* na Guiné-Bissau além de serem abastecidas pelas *bideras*, também são responsáveis pelas produções, sobretudo, de verduras e legumes.

7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 Mindjeris Bideras: Transformação Social no Comércio Informal

A atuação das *mindjeris bideras*⁴ no comércio informal não são atividades recente, pois, tradicionalmente, a venda era (e continua sendo) realizada nos passeios e nas barracas instaladas em espaços conhecidos como *feras* (Gomes, 2024). Com o tempo, essa prática foi ganhando cada vez mais relevância na vida delas, especialmente diante das limitações que enfrentam no acesso à educação formal. Nesse contexto de desigualdades estruturais, o comércio informal tornou-se uma estratégia de sobrevivência e uma forma de resistência e protagonismo feminino.

Segundo Camará (2023, p. 22), “o setor informal ganhou espaço e continua a expandir-se através dos mercados, sobretudo a partir de meados da década de 80”. Atualmente, grande parte das famílias que vivem nesse contexto depende, direta ou indiretamente, das atividades desenvolvidas no espaço da economia informal para garantir sua subsistência. É importante destacar que esse processo de expansão do setor informal ocorreu em um período em que as mulheres tinham pouco ou nenhum acesso à educação formal. Muitos dos adultos de hoje foram as crianças e jovens de ontem, que, ao se casarem, especialmente no caso das mulheres, viam suas oportunidades de estudo interrompidas, diz Semedo (2011). Era comum que, após o casamento, fosse o marido quem assumisse todas as decisões e responsabilidades, enquanto a mulher permanecia em uma posição de submissão.

Nesse cenário, o ingresso das mulheres no comércio informal representou uma forma de resistência e transformação social, afirma a antropóloga Peti Mama Gomes (2024). Ao aderirem a essas atividades, elas buscavam contribuir com a renda familiar e, sobretudo, conquistar sua autonomia e romper com o modelo tradicional de dependência total do marido. Com a inserção no comércio informal, muitas mulheres passaram a se sentir mais independentes, capazes de realizar grandes feitos sem depender exclusivamente do marido como era costume, e como muitas foram socializadas para serem subordinadas e dependentes.

Essa mudança permitiu que várias delas assumissem responsabilidades antes negadas às mulheres, como, por exemplo, o custeio da educação de seus filhos e filhas, com ou sem o

⁴ *Mindjeris Bideras* (Gomes, 2024) na língua guineense entende-se as mulheres que atuam no mercado informal para sustentarem seus familiares, e outras despesas de encargo familiares.

apoio do companheiro. Observa-se que, segundo Gomes (2024), atualmente, as *mindjeris bideras* desempenham um papel central, de 60% na dinâmica econômica do país, especialmente por meio do abastecimento dos mercados, conhecidos como *feras*. É importante ressaltar que o comércio informal não se limita à venda de legumes, frutas e verduras. Ele abrange uma grande variedade de produtos, como legumes, verduras, tecidos, *panus de pinti*, grãos, condimentos, roupas e outros itens essenciais ao cotidiano das famílias. Em suas palavras a autora afirma:

As *mindjeris* constituem maioria no envolvimento dos cultivos de legumes e verduras, assim como destacam-se na sua comercialização. O comércio, trata-se de um espaço de troca, venda de produtos típicos e tradicionais, como alimentos, artesanato, tecidos e outros bens, que refletem as diferentes culturas e costumes presentes na Guiné-Bissau (Gomes, 2024, p.143).

De acordo com o trecho acima, entende-se que as *mindjeris bideras*, em sua maioria, estão envolvidas também no cultivo de legumes e verduras, por meio da plantação de hortaliças diversas, como *candja* (quiabo), *sukul bembe* (pimentinha), *djacatu*, cenoura, *badjiqui*, entre outras. É importante destacar ainda a observação da autora ao afirmar que a *fera* é um espaço de troca. Dentro desse ambiente, é possível encontrar produtos típicos de diferentes regiões, setores ou localidades, o que torna a *fera* além de um espaço de comércio é também de intercâmbio cultural: seja por meio da diversidade dos produtos vendidos, seja pelas línguas faladas nas interações diárias, etc.

Como destaca Hopffer (2024, p.10), “apesar da significativa contribuição perceptível do trabalho informal praticado pelas mulheres, muitas vezes elas não são reconhecidas pela sociedade como aquelas que impulsionam a economia e contribuem para o desenvolvimento econômico e sustentável do país”. Dessa forma, torna-se evidente que as atividades desenvolvidas por elas nas hortas que chegam as *feras* são de suma importância, pois colaboram diretamente para o crescimento econômico e a valorização da diversidade cultural do país, como afirmam os autores citados.

Outrossim, atualmente, observa-se que os privilégios historicamente concedidos aos meninos em detrimento das meninas começaram a diminuir. Isso se deve, em grande parte, às contribuições de muitas mulheres e pais que, ao longo do tempo, tiveram acesso à educação e passaram a compreender que meninas podem alcançar os mesmos feitos ou até superar os meninos, tendo o mesmo direito à escolarização e ao desenvolvimento pessoal. Por exemplo, como destaca Hopffer (2024):

na infância, os meninos são educados para serem futuramente os responsáveis pela família, considerados chefes e protetores do lar. Enquanto isso, as meninas são educadas para serem donas de casa, exercendo atividades associadas às habilidades domésticas e/ou cuidadoras do lar, sendo ensinadas a se submeterem ao companheiro (Hopffer, 2024, p. 13).

Contudo, muitas mães que, por diferentes razões, não puderam estudar no passado, hoje lutam para que suas filhas não enfrentem as mesmas limitações. Na *fera di Bande*, por exemplo, é possível encontrar várias mulheres que sacrificaram seus próprios sonhos para garantir às filhas a oportunidade de frequentar a escola. A falta de escolarização representa além da negação de conhecimento é, sobretudo, o bloqueio ao acesso a empregos para aqueles/as que são remunerados e valorizados socialmente⁵. Nesse contexto, o sonho de conquistar uma profissão que proporcione uma “vida digna”, tanto para si quanto para a família, tem levado muitas mães a ingressarem no comércio informal, utilizando essa atividade como meio de sustento e apoio aos estudos de seus filhos e filhas.

No que diz respeito às *bideras*, observa-se que elas são mulheres que, por meio do comércio informal, lutam por sua autonomia, suas liberdades e reconhecimento social. Buscam ultrapassar o “papel tradicionalmente atribuído à mulher como mera cuidadora do lar”, passando a ser vistas como trabalhadoras e cidadãs capazes de realizar grandes contribuições para a nação. Como afirma Peti Mama Gomes (2019, p.37), “entende-se a dimensão ‘cotidiana’ como importante nesse trabalho, bem como a importância de se ter acesso e compreender outras formas de se estar no mundo, de ser mulher, de pensar a pluralidade de pertencimentos identitários”.

O estar também, diz a autora é, muitas *bideras* se arriscam diariamente nas estradas, transportando mercadorias em condições precárias, e correm sérios riscos de vida em decorrência de acidentes. Essa situação nos leva a questionar: por que a câmara municipal cobra taxas às mulheres que, até hoje, não recebem qualquer tipo de apoio ou infraestrutura por parte do Estado? A falta de reconhecimento do trabalho dessas mulheres revela a ausência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento do comércio informal e à proteção dos direitos das trabalhadoras informais? Faltam mercados adequados, espaços para armazenamento e

⁵ Do mesmo modo, é importante salientar que o processo de inserção das mulheres no comércio informal não é fácil, ao contrário, é extremamente desafiador. O governo não oferece condições mínimas para facilitar o comércio nos espaços onde essas atividades ocorrem, como nas *feras*, nos passeios públicos e até mesmo à beira das estradas. Diante disso, as mulheres precisam improvisar para garantir seus pontos de venda, recorrendo a barracas simples, mesas improvisadas ou até mesmo estendendo sacolas no chão para expor seus produtos. Apesar das condições precárias, elas ainda enfrentam cobranças diárias por parte da câmara municipal, que age com rigidez, sem demonstrar sensibilidade às dificuldades que essas mulheres enfrentam no dia a dia.

conservação de alimentos, bem como iniciativas que reconheçam a importância dessas mulheres no abastecimento dos mercados, no desenvolvimento econômico e na preservação e expansão da cultura guineense.

Em palavras de N'zálé (2018):

A falta de formação profissional, que se dá muitas vezes por conta dessa restrição à liberdade da mulher, e pelo fato de que muitas nem concluem o ensino médio, torna a oportunidade de emprego formal para as mulheres, muito escassa ou mesmo impossível, de modo que elas acabam por ir para o setor do comércio informal (trabalho informal). É importante ressaltar que muitas sociedades africanas possuíam ou possuem uma estrutura de divisão do trabalho que valoriza mais o homem. (N'zálé, 2018, p.8),

Como visto, a Patrícia N'zálé (2018), reforça a falta de oportunidades educacionais enfrentada pelas mulheres, desde o período colonial até os tempos pós-independência, continua sendo um dos principais fatores de desigualdade na sociedade guineense⁶, tanto no sistema educacional quanto no mercado de trabalho. Nesse contexto, a limitada presença feminina nas escolas (Semedo, 2011) impulsiona a entrada de muitas mulheres no comércio informal como alternativa de sobrevivência e como forma de conquistar independência econômica e não depender exclusivamente do cônjuge. Trata-se de uma resposta à negação de direitos fundamentais, como o acesso à educação e ao emprego formal, que lhes permitiriam alcançar maior autonomia.

Dialogando com as autoras mencionadas, me cumpre, lembrar que, a trajetória das mulheres *bideras* é muito complicada e desgastante. Na minha família, por exemplo, fomos ensinadas a vender desde pequenas, pois a nossa mãe é *bidera* de diversos produtos. Ela acordava todos os dias às 5h da manhã para preparar o que iria vender e só voltava para casa à noite. Havia dias em que, de tanto cansaço, ela nem conseguia jantar. Por conta dessa rotina exigente, ela não era uma mãe presente em casa, pois viajava para o interior do país em busca de produtos “quase sempre”.

Na sua ausência, eu ficava responsável por todo o negócio ou, às vezes, uma das minhas irmãs assumia essa função. Essa responsabilidade me trouxe bastante experiência, até o ponto em que comecei a vender por conta própria. Ainda estudante, a minha rotina era muito parecida com a dela. Passei a acordar no mesmo horário para preparar o que ia vender numa *fera* próxima da nossa casa, a paragem de Biombo, um espaço movido pela força feminina. Enquanto isso,

⁶ Observa-se que, o emprego formal ainda privilegia majoritariamente os homens, resultado da herança patriarcal deixada pela colonização europeia.

minha mãe seguia para a *fera de Caracol*, onde ela vendia até a noite. Eu vendia por algumas horas, porque precisava voltar mais cedo para me preparar para as aulas. Ao retornar para escola, começava a organizar tudo novamente para deixar pronto para o dia seguinte.

Minha mãe é *bidera* de sopa, carvão e outros produtos. Eu, por minha vez, vendia batata doce, laranja, sumo, *foli*, *doneti*, *iagu* e outros produtos, conforme a procura no mercado ou na *Fera* da capital, Bissau. Era difícil conciliar tudo isso sendo uma jovem *bidera* e estudante, mas, para não deixar todo o peso nas costas da minha família, especialmente dos meus pais decidi encarar esse desafio junto com as minhas irmãs. A mudança frequente de produtos é uma das características da prática das *bideras*, pois elas se adaptam à demanda de cada período. A partir da vivência na minha própria família, consigo compreender a mesma trajetória em muitas outras famílias envolvidas no comércio informal, como no caso de algumas mães de minhas colegas do bairro.

Entretanto, esse caminho não está isento de riscos. Ao se dedicarem ao comércio informal, essas mulheres enfrentam diariamente situações perigosas, que vão desde acidentes até ameaças de violência física e sexual. É comum que comecem sua jornada ainda de madrugada, por volta das quatro ou cinco horas da manhã, em busca de mercadorias para comercializar, demonstrando o quanto suas rotinas são marcadas por esforço, resiliência e vulnerabilidade. Essa jornada também foi realçada pela cantora guineense *Star Candinha* numa de suas faixas musicais intituladas “*Mindjeris Bideras*” lançada em 2021. Vale a pena destacar que a situação das *mindjeris bideras* era mais difícil neste ano devido ao período da pandemia de Covid-19. Portanto, esta música merece a atenção desta classe de mulheres uma vez que serviu de um grito ou forma de expressar perante a condição exposta. Abaixo, uma parte da letra da música transcrita pela pesquisadora Peti Mama Gomes (2022) na língua original, o guineense e tradução em português.

Cada dia nta pidi deus pape pa i patin forsa di n' firma pa n' agunta es cansera de tudo dia na nha kanbassa di nha vida, papia ika nada facil, bindi bas di sol, tudu dia, si ntida pontada ku kosta ta den tok, suma kin ku sutadu so na pensa na bem star di nha fidjus. Nha udjus ta seku kan, aah. Sono kila ta negan aah. So na pensa na carreira de bai buska, kuçasinhos pa bin bindi, pa odja umbokadu pa segura morança ku nha familias, cliente ooh bin. Cliente ooh bin.

Cada dia, peço Deus pai para me dar força no sentido de eu possa enfrentar e aguentar esta canseira diária, nesta caminhada de minha vida, porque não é nada fácil vender embaixo de sol todo o dia, se eu estender o corpo as costelas e as costas me doem muito como quem tivesse sido batido, só pensando no bem-estar dos meus filhos. Meus olhos se secaram muito, aah! O sono também me negou, aah! Por causa de tanto pensar na canseira de ir buscar as coisas para vender, conseguir um bocado, suportar

a morança e minha família, cliente ooh vem! Cliente ooh vem! (Star Candinha, letras, Mindjeris bideras, 2021).

Foto – 4: *Fera di Canchungo*



Fonte: Gomes P.M. (2024).

Por outro lado, N`zalé (2018), ressalta a importância da jornada destas mulheres no âmbito social e econômico em função das despesas familiares e contribuição na economia nacional.

[...] o trabalho dessas bideiras desafia esta lógica de delimitação do lugar social da mulher na sociedade Guineense como restrito ao lar. Ao contrário do modelo ocidental colonial, que reservava o lugar das mulheres no lar, dependendo economicamente do marido, as mulheres bideiras muitas delas sustentam seus filhos e marido. Ao mesmo tempo, a atividade das bideiras movimenta a sociedade guineense tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista das dinâmicas sociais (N`ZALÉ, 2018, p.9).

Com base na reflexão da autora, percebe-se que o trabalho dessas mulheres contribui de forma positiva tanto no âmbito social quanto no econômico, ao garantir a subsistência de seus filhos e filhas, assim como a conquista de sua própria autonomia financeira. Diante disso, no tópico a seguir, abordaremos o cenário de seus trabalhos durante o período da pandemia no país.

7.2 Mindjeris Bideras em Tempos de Pandemia: Entre Lutas e Resistências em Bissau

Durante a Covid-19, o setor informal foi um dos mais afetados pelo confinamento e pelo isolamento social. De modo especial, as mulheres *bideras* estiveram entre as principais vítimas desse isolamento. Elas enfrentaram sérias dificuldades de acesso aos mercados da cidade de Bissau e aos *lumus* (*feras* semanais) nas regiões do país, sobretudo no mercado *di Bande*. Estes lugares representam a força da economia informal na Guiné-Bissau sendo assim frequentados

por mulheres *bideras* e outras pessoas que desejam comprar produtos a preços razoáveis. Nesta ótica, Samba Tenem Camará (2023) afirma que:

Lumo é a palavra utilizada localmente para designar as feiras populares e periódicas, realizadas uma vez por semana, num local e dia fixos, com horário de funcionamento, início e término determinados. Geralmente, o lumo é instalado nas zonas rurais e semiurbanas e estabelecem encontros entre os operadores econômicos residentes nos centros urbanos e semiurbanos e produtores rurais. (Camará, 2023, p. 47)

Contudo, com a chegada da pandemia da COVID-19, o funcionamento dos *lumus* foi seriamente prejudicado. As medidas de isolamento social impediram a livre circulação de pessoas e mercadorias vindo de regiões como também de países vizinhos, o que afetou diretamente o sustento das *mindjeris bideras*. Muitas delas dependem dessas *feras* para vender seus produtos e garantir o alimento e o bem-estar de suas famílias. A pandemia não trouxe somente o medo e doença, assim como abalou a economia e as comunidades e das mulheres trabalhadoras, cuja rotina de trabalho árduo fora interrompida durante o período pandêmico.

Segundo Correia (2022, p. 17):

As autoridades exigiram medidas protetivas como o uso de máscaras, a higienização das mãos e o distanciamento social, como também decidiram fechar as fronteiras com os países vizinhos. As escolas, restaurantes, igrejas, transportes públicos e os comércios locais foram fechados, como medidas para conter o avanço da pandemia. (Correia, 2022, p. 17)

Entretanto, com o fechamento das fronteiras e a suspensão das atividades econômicas, a vida das mulheres *bideras* praticamente desmoronou. Antes mesmo da pandemia, o país já se encontrava em uma situação de vulnerabilidade, marcada por instabilidade política e econômica. Conforme afirma Caetano et al. (2020, p. 143), “com longos períodos de instabilidade política que persistem até os dias atuais, a Guiné-Bissau enfrenta fragilidades que influenciam diretamente na estrutura da sociedade e na soberania da nação. Mesmo após várias tentativas de reformas políticas, instalou-se uma profunda crise institucional que se estende para além das fronteiras”.

Com a chegada do vírus, essa realidade se agravou, afetando especialmente as *mindjeris bideras*, que dependem quase exclusivamente do comércio para garantir a própria subsistência e a de suas famílias. Diante desse cenário, Peti Mama Gomes (2024, p. 162) salienta que: “As mulheres no interior do sul, leste e norte da Guiné-Bissau, por exemplo, durante a pandemia, continuavam a frequentar as *feras* organizadas pelos *lumus* semanalmente, muitas vezes sem o uso de máscaras”.

Essa realidade mostra que, tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais, as *mindjeris bideras* dependem das atividades de compra e venda realizadas nos *lumus* e em diversos mercados do país para sobreviver. Assim, obedecer aos decretos de prevenção ⁷ como o “fique em casa” significava, para elas, ficar em casa e morrer de fome. Segundo os dados apresentados pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos UN-Habitat (2020), citados por Peti Mama Gomes em sua tese apresentada em 2024 (p. 160-161), “apenas 47% da população corresponde aos residentes urbanos, enquanto mais de 50% vive nas zonas rurais. A maioria da população vive e depende exclusivamente do setor informal, que emprega 71% dos africanos e 90% das mulheres, de acordo com os levantamentos da ONU, UN-Habitat, UNCDF, UCLG-África e UNECA, 2020”.

A impossibilidade de acesso aos mercados, causada pelo isolamento social imposto em todo o mundo, não afetou apenas as mulheres *bideras* da Guiné-Bissau em particular, mas também todos os cidadãos guineenses e mulheres de outras partes do continente africano que dependem exclusivamente do setor informal. Como era proibida a aglomeração de pessoas, a forma tradicional de comércio realizada nas *feras* ou *lumus*, como são conhecidas foi severamente prejudicada. No cumprimento das recomendações deixadas pelo Governo, pela OMS e pelos agentes de saúde locais, o acesso aos mercados foi restringido.

Segundo Correia (2022, p.7), “os mais prejudicados nesse cenário são as pessoas que atuam na economia informal devido às características do setor e às medidas insuficientes adotadas pelo governo guineense”. Desse modo, não há como realizar as vendas sem aglomeração. Logo, o mercado de *Bande* é um dos locais com maior concentração de pessoas na cidade de Bissau. Por esse motivo, seu funcionamento, assim como o de outras *feras*, foi proibido. Sendo, portanto, conforme as recomendações deixadas pela OMS, cada país adotou e criou métodos próprios para conter a propagação do vírus, exemplo de orientações como permanecer em casa, lavar as mãos com sabão ou água sanitária e manter o distanciamento social.

No caso específico das *mindjeris bideras*, o Estado não garantiu a permanência de todos em casa, especialmente para quem não possui salário fixo. Logo, as *bideras* romperam as barreiras do isolamento, pois não havia como manter-se em casa sem qualquer fonte de sustento. Correia (2022, p. 8) destaca que “a pandemia afetou todas as áreas da ação humana no país,

⁷ Para mais informações sobre os decretos, consultar este trabalho: https://drive.google.com/file/d/1aqo4Kr2xXMMAPV_5U5LSLtams7qpZ9Q9/view . Acessado em 29/03/2025

mas principalmente a das bideiras. Desta forma, as dificuldades de sobrevivência ganharam um novo patamar”.

Isto é, a maioria das famílias guineenses se sustenta a partir das vendas feitas no mercado. Isso significa que a proibição do funcionamento desses espaços impactou diretamente a vida financeira de muitas famílias, interferindo de forma drástica no sustento daquelas cujo rendimento depende exclusivamente do comércio informal. Diante dessa realidade, as mulheres *bideras* preferiram enfrentar o risco de contaminação pelo vírus e não permanecerem em casa, segundo previu o decreto do Ministério da Saúde. Como não tinham condições de ficarem em casa sem trabalhar, o governo, em parceria com a câmara municipal, intensificou a fiscalização para garantir o cumprimento do isolamento social, perseguindo as *bideras* onde quer que estivessem. Refiro-me a um período que vivi pessoalmente na Guiné-Bissau, onde presenciei diversas situações de violências em que essas mulheres eram expulsas das *feras*, sem que lhes fosse dada qualquer condição de permanecerem em casa com dignidade.

Quer dizer, durante esse mesmo período, alguns países adotaram políticas emergenciais para apoiar suas populações, como foi o caso do Brasil, que criou o auxílio emergencial. Mas esse não foi o caso da Guiné-Bissau. A população foi simplesmente impedida de sair para trabalhar, sem o mínimo de suporte para enfrentar o confinamento. Falo também com o coração de quem viveu essa realidade de perto. Sou filha de uma dessas mulheres *bideras* e moradora de bairro de *Bande*, Zona 8, mais precisamente na Paragem de Biombo — lugar conhecido por ser frequentado diariamente por mulheres e também por alguns homens que dependem do comércio informal para sobreviver.

Essa é a história de muitas mulheres durante o período da pandemia. A Paragem de Biombo tem um papel estratégico, pois é ponto de venda e desembarque de produtos vindos de várias zonas da região de Biombo. Considero esse espaço como um marco histórico durante o período pandêmico, pois, quando as mulheres eram expulsas do mercado *di Bande*, do mercado do Caracol, da *Fera* da Metade (ou Tambarina) e até mesmo da Chapa de Bissau, elas se dirigiam à Zona 8, onde está situada a Paragem de Biombo, para continuar suas vendas e garantir a comida em casa e outras necessidades básicas.

Foi assim que essas mulheres resistiram e persistiram durante a pandemia, mesmo conscientes dos riscos de contaminação. Muitas afirmaram que preferiam morrer do vírus a

ficar em casa vendo os filhos passarem fome. Essa é a história silenciosa de luta, resistência e coragem das *mindjeris bideras* da Guiné-Bissau.

Na fala da interlocutora *bidera* Inacia Gomes (2020) entrevistada pela Peti Mama Gomes na sua tese (2024).

Nós, população, estamos cansados. Disseram que estamos em coronavírus, mas este é o corona-fome que estamos vivendo. Imagina, nós mulheres estamos no carro, os policiais correm atrás de nós, nos obrigam a descer como cachorros, em consequência caímos no chão, machucamos. O que está acontecendo na Guiné-Bissau, socorro. Mulheres pedem socorro. (Bidera, Inacia Gomes, Bissau, 2020).

A citação acima aponta como as *mindjeris bideras* são tratadas durante a época da pandemia, leva-nos a perguntar onde estão os direitos dessas mulheres mães e acima de tudo a força motor de crescimento da economia do país. Atualmente, diante da elevada taxa de desemprego que atinge tanto mulheres quanto homens na sociedade guineense, é possível constatar que muitas famílias dependem diretamente do comércio informal para seu sustento. Impedir essas pessoas de exercerem essa atividade é, em outras palavras, condená-las à fome, pois não têm a quem recorrer para garantir sua sobrevivência e estabilidade financeira.

7. 3 O Perfil da Participação Feminina no Comércio Informal

Neste subtópico, abordaremos o perfil das mulheres no contexto do mercado informal. Segundo Peti Mama Gomes (2024, p. 124), [...]

Na Guiné-Bissau, as diferenças existentes entre os sexos adquirem significados diferentes nos espaços públicos formais, onde o contexto político influencia a representação do poder. Esse poder é predominantemente exercido por homens no setor formal, enquanto no setor informal, as lideranças são desempenhadas por mulheres (Gomes, 2024, p.124).

Dialogando com a autora acima, N'zálé (2018) salienta que o comércio informal vai além de uma simples escolha das mulheres, trata-se de uma atividade marcada por desafios diários. Muitas enfrentam situações de risco, como assaltos, abusos sexuais e roubos. De acordo com Godinho Gomes (2010), [...]

[...] é interessante notar que na economia familiar são as mulheres que mais contribuem em termos financeiros graças às atividades informais por elas praticadas. Um outro dado relevante é o do crescimento, em todas as associações referidas, das mulheres “chefes de família”. Este fenómeno explica-se pelo facto de as mulheres trabalharem sempre mais fora de casa (apesar de se dedicarem a atividades informais menos remuneradas), conquistarem a própria autonomia econômica e de contribuírem em maior medida para o bem-estar familiar (Gomes, 2010, p.13)

Conforme aponta Patrícia Godinho Gomes, no mercado informal atuam para além de mulheres adultas, jovens e adolescentes que lutam diariamente pela sobrevivência de suas famílias. A autora destaca que muitas dessas mulheres demonstram satisfação com os resultados alcançados no exercício de seus trabalhos, visto que “asseguram as despesas diárias da família, os encargos com os filhos e algumas obrigações tradicionais, como cerimônias de funerais, casamentos e nascimentos” (Gomes, 2010, p.13).

Gomes afirma que a maioria das mulheres que se dedicam às atividades informais é composta por mulheres casadas, com idades entre 18 e 65 anos. No desempenho de seus trabalhos, enfrentam diversos desafios, como levantar-se muito cedo e arriscar-se nas ruas da cidade de Bissau ainda durante a madrugada. Outro aspecto importante a ser mencionado é que muitas dessas mulheres saem sozinhas de casa, deixando seus maridos em casa, o que revela uma estrutura social marcada por um sistema patriarcal herdado do colonialismo. Nessa lógica, os filhos permanecem sob os cuidados quase exclusivos das mães, visto que os pais, mesmo desempregados, raramente assumem tais responsabilidades.

Embora o trabalho informal tenha uma contribuição imprescindível para o crescimento da economia do país, bem como para a educação dos filhos e outras necessidades familiares, ele ainda não é reconhecido e permanece atravessado por estereótipos que desvalorizam as mulheres nele engajadas (Martins, 2018). A N'zálé (2018) ensina que, “o fato de não serem consideradas trabalhadoras acaba influenciando na forma como elas são tratadas na sociedade”.

A presença das mulheres no comércio informal na Guiné-Bissau, que vendem diversos tipos de produtos como peixes, mariscos, frutas, tubérculos (como batata-doce, cenoura, inhame), legumes, alface, cebola, tomate, pimenta, pimentão, alho, berinjela, carvão, máscaras, perfumes, entre outros, nas palavras de Baldé (2019), [...]

São as produtoras dos seus bens materiais, através do trabalho no cultivo e produção dos produtos para venda ou troca comercial, colocando de lado o Estado ou governo no controle econômico vigente. De tal modo regulam e expõem a venda seus produtos em torno de mercados, feiras, praças, postos de venda de gêneros frescos, ou ainda, pequenas lojas ou barracas de negócios, nas ruas etc. Tanto na realidade atual de Bissau como em séculos passados os circuitos comerciais em alguns pontos estratégicos da África, as mulheres sempre estiveram presentes constituintes compradoras e vendedoras (Baldé, 2019, p. 27).

Elas são responsáveis por suas próprias produções, que podem variar de acordo com o interesse pessoal e o local de residência de cada uma. Conforme Maria M. A. Borges Domingues (2000), as mulheres que se envolvem no comércio informal podem ser classificadas em diferentes categorias: “*comerciantes*, *djilas*, *bindiduris*, *kulkaduris* e *bideras*”, ou seja, o tipo de atividade que exercem. A autora explica detalhadamente as especificidades de cada grupo mencionado. Por exemplo, a categoria comerciantes - que são aquelas que realizam suas

atividades **com base em um alvará**, ou seja, com autorização formal do governo. As *djilas* são comerciantes de longa distância, geralmente envolvidas em **comércio transfronteiriço** — uma atividade predominantemente masculina, embora atualmente já haja um número significativo de mulheres. As *bindiduris* são aquelas **que vendem em locais fixos** e, muitas vezes, também **produzem os próprios produtos**. Já as *kulkaduris* são **vendedoras ambulantes**, geralmente mulheres que percorrem longas distâncias a pé para revender produtos como peixe, roupas, hortaliças e outros. Por fim, as *bideras* são aquelas que compram produtos diretamente dos produtores, em grandes quantidades, sendo conhecidas de acordo com o tipo de produto que comercializam: ***bidera de peixe, de carvão, de amendoim, de roupa***, entre outras (Domingues, 2000, p.301).

Por outro lado, Patrícia Godinho Gomes (2010) propõe outra forma de classificação das atividades informais exercidas por mulheres, agrupando-as em três categorias: “a) Atividades de sobrevivência, caracterizadas pela economia informal, geralmente centradas no meio rural; b) Microempresas, pequenos negócios que têm potencial para empregar alguns membros da própria família; c) Pequenas e médias empresas, com maior estrutura, sendo capazes de empregar mais de dez funcionários”. (Gomes, 2010, p.6).

Portanto, tanto na divisão de Domingues (2000) quanto na de Gomes (2010), observa-se um número expressivo de mulheres atuando no comércio informal. Como afirma Domingues: “Atualmente, na Guiné-Bissau podemos encontrar uma diversidade de pequenos empresários, incluindo produtores, grossistas, distribuidores, retalhistas, vendedores itinerantes, processadores e transportadores, atuando informalmente” (Domingues, 2000, p. 299). De acordo com (Godinho, 2010, p.5) após a adoção do sistema econômico liberal na década de 1980, houve um crescimento do interesse da população pelo investimento e pelo empreendedorismo. Nesse contexto, a participação feminina nos negócios informais também aumentou. Mas, apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam inúmeros desafios que dificultam a sua plena afirmação nesse setor. Esses obstáculos estão fortemente ligados à persistente desigualdade de gênero, à falta de instrução formal, à ausência de políticas públicas de incentivo ao investimento e ao fraco acesso ao crédito. Assim, a autora explica que:

Por essa razão, a estratégia de valorização do trabalho feminino deve, antes de mais, procurar favorecer a sua produtividade e estimular o investimento feminino em sectores de maior produtividade e de maior lucro como as culturas para comercialização e produtos manufaturados destinados à exportação. Para que tais objectivos possam ser alcançados, ter-se-á que se concentrar sobre temas que respondam às necessidades imediatas e que produzam benefícios a curto e médio prazos, tais como: educação, favorecendo a eliminação das desigualdades entre os

sexos e aumentando a competitividade das mulheres no mercado de trabalho; implementação de programas que desenvolvam o espírito empresarial e que permitam o acesso ao crédito e aos serviços financeiros a favor das produtoras rurais e urbanas; reformas das estruturas políticas e legislativas, nomeadamente os regulamentos sobre o acesso à terra, ao crédito e à protecção social; adopção de estratégias que favoreçam o acesso das mulheres ao emprego remunerado no sector privado moderno; adopção de estratégias organizacionais que favoreçam a participação, a representação e o poder de negociação das mulheres a todos os níveis de decisão (Gomes, 2010, p. 9).

A razão que leva as mulheres a colocarem o Estado à margem quando se trata do comércio informal revela como esse setor é “desconsiderado” pelas autoridades guineenses. O espaço da mulher, nesse contexto, parece estar fora do campo de visão dos governantes. Essa desvalorização contribui para que muitos filhos e filhas dessas mulheres batalhadoras sintam vergonha do trabalho de suas mães, justamente por não se tratar de uma ocupação legitimada ou valorizada socialmente.

Essa concepção revela que, na sociedade guineense, ainda prevalece a valorização de trabalhos exercidos em gabinetes e ambientes formais, enquanto se negligencia o esforço das mulheres que, por meio do comércio informal, garantem a sustentabilidade de suas famílias, contribuem para o funcionamento dos mercados e movimentam a economia do país. As mulheres envolvidas nesse tipo de trabalho são as *firkidja* da família², assumindo a responsabilidade pelos cuidados e sustento dos seus lares. Também, vale destacar que grande parte dessas mulheres — tanto nas regiões do interior quanto na capital pertencem à camada juvenil, com idades a partir dos 18 anos. Muitas delas não conseguiram concluir o ensino médio, e menos ainda o ensino superior, o que evidencia um quadro de exclusão educacional (Semedo, 2011). Também é comum encontrar, nesse mesmo espaço de venda, mulheres entre 30 e 40 anos ou mais, que permanecem no comércio informal por não terem condições financeiras de manter os custos dos estudos ou por necessidade de garantir o próprio sustento e o da família (Gomes, 2024).

O abandono escolar, nesse cenário, aparece como uma das consequências da falta de condições econômicas. Muitas jovens, ao não conseguirem dar continuidade aos estudos, veem no comércio informal uma alternativa imediata de sobrevivência. Essa realidade revela a ausência de políticas públicas eficazes voltadas à inclusão educacional, à proteção social e ao incentivo à autonomia econômica das mulheres, segundo as autoras (Gomes, 2024, Godinho Gomes, 2010, e Borges, 2000).

7. 4 Prática de Abota como Crédito de *Mindjeris Bideras*

As *mindjeres bideras* com uma pequena organização ou método de crescimento socioeconômico entre elas conseguem angariar fundos através de abotas⁸ em que todos concordam com o valor estipulado que pode variar na base que foram consolidados por elas, pode ser de 250FCA, 500FCA por diante, dependendo de produtos que cada uma vende. “Abota é um sistema de poupança informal que se estabelece entre os operadores tipo vaquinha, depois de fim do período estabelecido entre grupo entrega um dos membros do grupo, de forma rotativa.” (Camará, 2023, p.227).

Elas escolhem uma pessoa de confiança entre elas para guardar o dinheiro até chegar à data em que uma pessoa vai receber esse dinheiro ou abota. Com essa abota as mulheres bideras conseguem resolver diversos problemas pessoais, assim como dos familiares, como: pagamento escolar dos filhos/filhas, contribuir na cerimônia familiar, casamentos, funerário entre outros. (N’zalé, 2018).

Elas também criam um laço de amizade muito forte entre elas, apoiar umas as outras na *fera*, quando uma colega tem *Toka Tchur*⁹ e não só, quando a pessoa depara também com algumas dificuldades. Conforme destaca (Domingues, 2000, p.367), “as próprias actividades comerciais apoiam-se elas mesmas, para obter o capital inicial e poupanças, em outras associações mutualistas, as abotas estabelecidas entre colegas de profissão e outras relações extra familiares.” Sendo assim, a abota é “uma forma de poupança feita por diferentes grupos de maneira informal e é feita por quase 100% das bideras” (N’zalé, 2018, p. 6).

O dinheiro recolhido é destinado a uma das membros em função da lista definida e aceite democraticamente, ou ainda em função de situações de urgência. Os membros da abota variam entre 5 a 10 pessoas. As atividades financiadas são geralmente a construção ou reparação de casas, casamento, início de negócio, (Gotinho Gomes, 2010). Existe também outra forma de angariar fundo através de “*burra*”. *Burra* - é um objeto para guardar dinheiro construída de diversas características na qual se colocam o dinheiro até quando precisar para um assunto de extrema importância ou às vezes pode surgir alguns problemas e ela não tem o dinheiro no momento a única solução é estragar mesmo essa “*burra*” e retirar o que já tinha guardado, esse aí é o seu **Banco** também. Essa é uma das formas ou métodos que as mulheres criam para poder

⁸ *Abota* é uma forma de poupança feitas por diferentes grupos de maneira informal e que é feita por quase 100% das bideras — como sendo uma questão econômica importante no grupo a ser estudado (N’zalé, 2018, p. 6).

⁹ *Toka Tchur* — é uma cerimônia tradicional realizado apos a morte dum membro da família, normalmente na idade da velhice.

crescer nos seus negócios.

8. METODOLOGIA

Para compreender o comércio informal e a participação(e/ou) do Estado na organização dos espaços comerciais em Bissau, esta pesquisa será fundamentada em uma revisão bibliográfica, com uma abordagem qualitativa e a utilização de entrevistas como ferramenta de coleta de dados. Nosso objetivo é entender os motivos que levam as mulheres a aderirem ao comércio informal e as dificuldades enfrentadas para abastecer o mercado. Consideramos que o método qualitativo é o mais adequado para este estudo. A pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p.22).

O uso de métodos qualitativos como abordagem viável para nossa pesquisa nos permitirá compreender a realidade das mulheres guineenses no comércio informal. Antes de iniciar uma investigação sobre fenômenos científicos ou sociais, é necessário realizar um mapeamento teórico a partir dos dados existentes sobre o tema, uma etapa que permite ao pesquisador conhecer o estado da arte da área de estudo (Creswell, 2010). Com base nisso, será feito um levantamento de materiais bibliográficos, como artigos, dissertações, teses, monografias, livros e outros documentos relacionados ao tema.

Segundo Gil (1991, p. 27),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Usando pesquisa bibliográfica, através dos materiais já existentes, nos possibilitará a ter os dados sobre a situação diária das mulheres guineenses no mercado informal na Capital Bissau. Também iremos interagir com as nossas sujeitas para que possam sentir mais à vontade no decorrer das entrevistas. O nosso objetivo é analisar de maneira precisa as diferentes visões das nossas entrevistadas, aspirações voltadas ao tema.

Conforme Gil (2008), a entrevista é uma forma de interação social. Ou seja, é a técnica em que o/a pesquisador/a ou a pesquisadora se apresenta junto aos sujeitos e lhe formula as perguntas, com o propósito de obter os dados que interessam à pesquisa. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada na área das ciências sociais. Será realizada a entrevista semiestruturada, pois vai permitir aos participantes se sentirem livres de expressarem

os seus pontos de vista além das perguntas colocadas.

Para a realização das entrevistas, vamos entrar em contato com as mulheres de diferentes mercados de Bissau, capital do país. Vamos selecionar 14 “*mindjeris bideras*” de faixas etárias diferentes, 7 mulheres de 18 a 35 anos, e as outras 7 mulheres de 40 a 65 anos de idade, de acordo com tempo que aderiram e permanecerem no comércio informal, para a obtenção dos dados da pesquisa. As entrevistas serão conduzidas com base nos seguintes questionamentos: Por qual motivo a senhora aderiu ao mercado informal? Quais foram as razões que a levaram a ingressar no comércio informal? Como é a sua rotina diária no exercício dessa atividade? Quais são as principais dificuldades que a senhora enfrenta no dia a dia desse trabalho? Quais são os produtos que não podem faltar em sua banca? Há quanto tempo a senhora exerce essa atividade?

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Renato; MONTEIRO, Huco; DUARTE, Aquino (coord.). **Bandim**: subsídio para uma política de apoio ao pequeno negócio. Bissau: INEP, 2001.

BALDÉ, Mamadú. **Bissau-A cidade, o comércio e a cultura**: as mulheres bideras no contexto social guineense. 2019. 64 f. Monografia (Graduação Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1766/1/2019>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

BISSAU. Instituto Nacional de Estatística. **Estatística de género 2023**: mulheres e homens. Bissau: INE, 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CAETANO, Leodinilde Pinto et al. A COVID-19 em Guiné-Bissau: conjuntura econômica, social e política do país e a garantia dos direitos sociais. **Revista Simbiologias**, v. 12, n. 16, 2020. Disponível em: <https://simbiologias.ibb.unesp.br/index.php/files/article/view/217>. Acesso em 10 mar. 2025.

CAMARÁ, Samba Tenem. **A Economia e mercados transfronteiriços na África Ocidental**: “Lumos” (feiras livres) na Tríplice Fronteira-leste da Guiné-Bissau, sudoeste da República da Guiné e sul do Senegal. 2023. Tese (Doutorado em Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/40051>. Acesso em 18 dez. 2024.

CORREIA, Vilma Nunes. **Economia informal na Guiné-Bissau: uma análise sobre a vida de “mindjeris bidéra” no período de pandemia de Covid-19 em Bissau**. 2022. 28. f. Projeto de pesquisa. Bacharelado em Humanidades - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3075>. Acesso em 5 mar. 2025.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

DOMINGUES, Maria Manuela de Abreu Borges. **Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau**. 2000. Tese (Doutorado). Zugl.: Lissabon, Universidade Nova de Lisboa. 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GOMES, Patrícia G. Alexandra. **As mulheres do sector informal**: experiências da Guiné-Bissau. In: CONGRESO IBÉRICO DE ESTUDIOS AFRICANOS: Africa. Puentes, conexiones y intercambios, 6, 2009. **Actas...** Las Palmas de Gran Canaria, 2010.

GOMES, Peti Mama. **Ser mulher africana e estudante no contexto da diáspora: alguns aspectos do cotidiano de estudantes guineenses no Maciço de Baturité-CE. Redenção – CE**, 2016. 66 f. Monografia (Graduação Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção-CE, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2893>. Acesso em 4 abr.2025.

GOMES, Peti Mama. **Caminhos de gênero nas feiras de Bissau: resiliência e desafios de mulheres guineenses em contextos de vulnerabilidade diante dos impactos sociais e econômicos da COVID-19**. 2024. 305.f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal Do Pará Instituto De Filosofia E Ciências Humanas. Disponível em: <https://www.ppga.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/teses/1152-2024>. Acesso em 17 de junho de 2024.

GOMES, Peti Mama. **Mulheres em associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Babock e Bontche**. 2019.113.f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2150>. Acesso em 2 abr. 2024

HOPFFER, Carla Frederico. **As mulheres no comércio informal e no desenvolvimento sustentável na Guiné-Bissau**. 2024. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1313/1/2018_proj_pzale.pdf. Acesso em: 12 mar.2024.

MOREIRA, Joacine Katar. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Gênero, Violências e Instabilidade Política**. 2017. 24 f. Tese. (Doutorado Estudos Africanos. ISCTE –Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/beefef7e75eaa51a2fe6110c99dfea3f/1?cbl=18750&diss=y&pq-origsite=gscholar>. Acesso em 18 de abril de 2025.

MARTINS, Rosiani Sanca. **Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país (1994-2010)**. 2018. 17 f. Artigo. (graduação). (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2586>. Acesso em: 14 jun. 2023.

NA BLATA. Samira T. Dentche. **MULHERES NO MERCADO INFORMAL NA GUINÉ-BISSAU: QUEM SÃO AS BIDERAS NO MERCADO DE CARACOL**. 2022. 32 f. Projeto de pesquisa. Monografia (Graduação Bacharelado em Humanidades) - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5099/1/SAMIRA%20TAMBA%20DENTCHE%20NA%20BLATA.pdf>. Acesso em 19 mar. 2025.

N'ZALÉ, Patrícia. **Mindjeris bideras: trabalho informal, gênero e desenvolvimento social na Guiné-Bissau**. 2018. 19, f. Projeto de pesquisa (Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1313/1/2018_proj_pzale.pdf. Acesso em 10 dez. 2022.

REIS, Tatiana Raquel; BARBOSA, Viviane de Oliveira; SANTOS, Orlando Almeida dos. **Movimento de mulheres e comércio informal entre África e Brasil: uma comparação no eixo Sul-Sul.** [S.l: s.n.] 2023.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. Educação como direito. **Revista Guineense de Educação e Cultura—o estado na educação na Guiné-Bissau**, n. 1, 2011. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/redes/guinebissau/semedo_educacao_como_direito.pdf. Acesso em 14 abr. 2025.

STAR CANDINHA. Cantora guineense. música: **Mindjeres bideras**. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=55BY5vo_QKE. Acesso em 16 abr. 2025.

TEIXEIRA. Ricardino Jacinto Dumas, BATICAM. Sandra Tricia. **Movimento social africano de Fidjus Di Bideras de Guiné-Bissau em espaços universitários**. 2020. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/reader/f95944b2bb41778f3937a06e743fe85e12d8ab> Acesso em 15 maio de 2023.

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a serviço do capital: um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28604>. Acesso em 02 ago. 2023.

MAPA da Divisão Administrativa de Guiné-Bissau. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guin%C3%A9-Bissau>. Acesso em jan.de 2025. mapa administrativa de Guiné-Bissau.

DARAME, Braima. **Mercados improvisados de Bissau, vende-se quase tudo**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/vendedoras-dos-mercados-de-bissau-queixam-se-da-falta-de-condi%C3%A7%C3%B5es-de-higiene/a-17035499>. Acesso 01 maio 2025.